

Boa noite a todos!

Em nome do presidente Dr. José Raimundo da Silva Lippi eu saúdo as autoridades da mesa e os membros da Academia Mineira de Medicina.

Em nome da Sra. Renée Mendes, que na plenitude dos seus 97 anos aqui representa o meu pai, eu saúdo as demais pessoas deste teatro, que tanto me honram com sua presença.

Eu nasci em julho e a astrologia me fez canceriano. Como tal, emotivo e um tanto lírico. De antemão digo isso pra me desculpar de eventuais engasgos que possam surgir no decorrer desta fala.

Eu amo a língua portuguesa e amo as palavras. Gosto de capturá-las, limpá-las e apará-las: sou devoto da síntese e não me alongarei. Palavras têm saber. Palavras têm sabor. Tudo está na palavra.

Há exatos 28 anos eu vestia uma beca de cor preta, com detalhes em verde, que, tal como esta, me pesava os ombros.

Aquele era o peso da expectativa, diante de uma carreira que se anunciava na Medicina. Eu me formava na UFMG.

Hoje, o peso da beca é outro: o da enorme responsabilidade de ingressar nesta casa, onde habita a história da Medicina Mineira.

Confesso que esse não era um propósito por mim idealizado, mas o tamanho da honraria ganha ainda mais dimensão, quando miro os que me indicaram: Ulisses Cunha e Fábio Rocha são, mais do que duas grandes referências brasileiras da Geriatria e da Psiquiatria, pessoas por quem tenho enorme admiração. Com eles eu tenho o prazer de dividir minha rotina no hospital da Previdência, portanto, conhecemos bem os nossos trabalhos.

Ocuparei a cadeira 11, não apenas porque eu prefiro os ímpares.

O Doutor Raul D'Almeida Magalhães é o patrono desta cadeira, que depois foi ocupada pelos Doutores Armando Ribeiro dos Santos, sanitarista, e Emyr Francisco Soares, oftalmologista.

O Dr. Raul D'Almeida Magalhães foi um médico sanitarista ativo no início do século 20, como assim foram tantos outros patronos desta Academia.

Nascido em São João del Rey em 1880, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1905, trabalhou no Instituto Manguinhos, então dirigido pelo Professor Oswaldo Cruz. Posteriormente, tornou-se inspetor sanitário do Departamento Nacional de Saúde Pública e, como tal, atuou no Maranhão, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi assistente e professor da Cadeira de Medicina Tropical, que tinha como catedrático o professor Carlos Chagas. Publicou trabalhos sobre sífilis, varíola, paralisia infantil, difteria, hanseníase e malária. Faleceu em 1946, aos 66 anos.

No ano da graça de 1908, o Dr. Raul, ainda nos primórdios de uma carreira brilhante, assistiu a fatos marcantes: Cronos, o implacável, nos levou Joaquim Maria Machado de Assis. Mas como Cronos não é de todo mau, talvez para não nos condenar à orfandade literária, generosamente nos trouxe João Guimarães Rosa. Também naquele ano, Dr.

Raul viu nascer em Belo Horizonte uma instituição fundamentalista que arrebatou milhões de obstinados século afora: o Clube Atlético Mineiro.

Com a devida vênua do Dr. Raul, me permiti aqui destacar três grandes referências da minha vida. Bendito 1908!

Ao ler sobre o meu patrono, pus-me a refletir, com neurônios de uma mente posta no século 21, sobre qual Medicina seria aquela que ele praticou. Qual Medicina seria aquela?...

Mais de cem anos se passaram desde aquele tempo em que o Dr. Raul se embrenhava nos nosocômios para cuidar dos pacientes que padeciam do mal que mais afligia o mundo naquele momento: as doenças infecciosas, que dizimavam populações inteiras.

Que Medicina era aquela?

Vizinha da filosofia e do sacerdócio, muito distante da matemática e da tecnologia.

Que médicos eram aqueles?

Devotados e sujeitos de devoção, quase metafísicos. Relações humanas distintas. Menos gente a ser cuidada, ambiente mais precário, outra relação com o tempo, que andava com mais vagar. Recursos tecnológicos parcos. Muita semiologia.

Era melhor aquela Medicina?

A humanidade atravessou o século 20 e, perto do seu epílogo, viu explodir uma revolução tecnológica que transformou o mundo, as pessoas, as relações humanas e, naturalmente, a Medicina: informações infinitas; evidências estatísticas; recursos sofisticados; imagens que deslumbram; *guidelines*; investidores; linhas de produção...

Mais pessoas, menos precariedade, tempo acelerado, médicos trazidos do seu pedestal metafísico para encarar a dura realidade.

É melhor esta Medicina?

O encanto da forma depende da forma de olhar. O que para alguns é espanto, para outros é luz. A luz que para alguns ilumina o que eram apenas vultos, para outros é ofuscação, que pode até cegar. Indiferente às impressões e às emoções, o pêndulo da história se move em busca de equilíbrio.

Fato é que a Medicina mudou e a forma de fazer e ensinar Medicina também precisa mudar. Em meio a pressões e apelos aos excessos, escolher com sabedoria em benefício do paciente, mas também do sistema de saúde, é o desafio que está posto a quem atende, a quem ensina e a quem gere.

Medicina, segundo William Osler, é a arte da incerteza e a ciência da probabilidade. Essa incerteza que angustia médicos e pacientes, afinal, é quem move a ciência.

Ciência que, por preceito, jamais admitirá verdades absolutas. Caminhos prontos não há e não haverá. Evidências científicas permitem estimar probabilidades, mas a base do pensamento científico é, e sempre será, o raciocínio, seja indutivo ou dedutivo, por vezes, contra-intuitivo.

Medicina baseada em raciocínio: eis aí um bom propósito!

Conceito amplo, em que as boas evidências científicas norteiam a conduta clínica, sem desprezar vivências, experiências e saberes intuitivos. A elegância do pensar.

Em um cenário de demasias, nunca foi tão atual o princípio básico de Hipócrates: PRIMUN NON NOCERE: primeiro, não fazer mal. Ser sábio é saber o que fazer e o que não fazer. Menos pode ser mais. No mundo da inteligência artificial, arte, comunicação e humanidade serão, mais que nunca, distinções do médico.

Repito aqui minha exclamação recorrente: Não às linhas de produção médica! Não ao pensamento autômato!

E a morte? Tão certa quanto temida. No fundo, a que dá sentido à vida. Mortes cruéis, devastadoras. Mortes naturais, libertadoras. Médicos, aprendemos a cuidar da vida, mas carece cuidar da morte. Lutar pela vida ou debater-se contra a morte? Eis aí grande diferença. Acima de tudo, respeitá-la.

E a fé? A fé é uma escolha. Opta-se, ou não, por acreditar que exista algo além do domínio material e além dos dogmas religiosos. Quem opta por tê-la, na Medicina há de fortalecê-la. Sofrimento e alegria, convicções e inseguranças, angústia e júbilo: no fundo, tônicos poderosos para a evolução espiritual.

**Morbus Arcere. Aegrotus Sanare. Dolores Lenire.** Afastar as doenças, cuidar dos doentes, aliviar as dores. Este é o lema desta Academia.

E, digo-lhes, como é bom seguir esses princípios com prazer, a cada dia: na enfermagem de um hospital público, no consultório privado, na semiologia, na propedêutica, ensinando e formando jovens. Sempre agregando ciência à assistência, sem jamais me render à banalidade. Sou muito feliz por ter construído uma carreira tão diversa e estimulante.

Mas retomo à noite da minha formatura, citada no início.

Lá eu estava cercado por amigos, que compartilhavam comigo expectativas e incertezas. Aquela amizade nos fazia mais fortes, mais confiantes. Hoje, alguns daqueles estão novamente aqui comigo. Atravessamos os seis anos da faculdade e percorremos juntos esse longo trecho pela estrada da Medicina. Mais do que colegas de turma, grandes amigos. Salve, Med90!

Aqui também estão amigos de raiz, aqueles que nasceram e cresceram comigo e que são parte de mim, desde sempre.

Amigos outros, o tempo, aquele que tem fama de cruel, mas que também é generoso, me deu, e são muitos: do hospital, da clínica, da vizinhança, presentes que ganhei nesta travessia pelo grande sertão da vida.

Família? Sim e muito boa, criada com o preceito da liberdade com responsabilidade. Pais que são referência, de ética e de amor pela vida. Irmãos que se respeitam.

Taís, minha filha, é de fato única e Gisela, minha esposa, parceira de uma vida que construímos juntos.

Tenho fé em Deus, fé na vida, na Medicina e no ser humano. Pretendo a cada dia, mente limpa e atenção plena, sabedoria e serenidade, generosidade e gratidão. E gratidão será minha palavra final: gratidão a todos que me trouxeram até aqui e aos que hoje me recebem nesta casa. Muito obrigado!

## **GUILHERME SANTIAGO MENDES**

Discurso de posse como membro Titular da Academia Mineira de Medicina, proferido em 13 de dezembro de 2018.